

ROCHA PEIXOTO

OBRAS

VOLUME III

PRIMEIRAS INTERVENÇÕES NA IMPRENSA.
CATÁLOGOS, RELATÓRIOS E TEXTOS AFINS.
ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA. NOTÍ-
CIAS E COMENTÁRIOS. NOTAS BIO-BIBLIO-
GRÁFICAS. CRÍTICAS E RECENSÕES. POLÉMICAS.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM
1975

POVO E RAÇA (*)

Na Península a Antropologia entrou deveras com o pé esquerdo. Há anos, quando alguns homens se reuniram em Madrid para constituírem uma sociedade destinada ao estudo das raças humanas, levantou-se uma celeuma veemente de protesto: que pretendia fazer semelhante instituição — perguntara toda a imprensa — num país essencialmente católico? E tão vigorosa foi realmente a campanha, que se esperou a demissão do ministério para definitivamente a instalar (Zaborowski). Dois anos passados a *Sociedad antropologica española* sucumbia sob uma desolante esterilidade de obra e desdém público.

Algum tempo depois o médico Ferraz de Macedo alcançara em Lisboa a permissão de iniciar em sua casa as investigações osteométricas, começando pelo estudo dos crânios já convenientemente excumados dos cemitérios municipais. A breve trecho foi detido para reflectidas e ponderosas averiguações da polícia; as folhas, desde as que militavam sob a égide rubra da Incorruptível, até às que defendiam regimes senis e idos, deram-se pressa em informar o público de que o distinto antropologista tinha em vista obter açúcar refinando os ossos; invocou-se a paz e o respeito devidos à querida memória dos mortos; descobriram-se substâncias ocultas a extrair dos encéfalos (!); registaram-se, a sério, tenebrosos conciliábulos pela calada da noite, sob uma luz lívida de morte, pios agoirentos de aves míticas, rumores de almas e diabos à mistura. A licença do edil foi caçada, não sem prévia arenga no senado: e o médico, para sossego e regalo de todos, abandonou os estudos e foi-se embora.

Ora a relutância por esta ordem de trabalhos, que se observa ainda hoje em pessoas a que chamam cultas, não promana manifestamente de opiniões semelhantes às do periodismo de então; a literatura francesa de vulgarização espalhou, ao menos entre nós, noções bastante exactas dos intuitos e métodos antropológicos. Muitos sabem já que, para o inquérito ao povo português, cumpriria observar o plano geral, estabelecido e aceito, noutra lugar e de há muito, para idênticos estudos

(*) Artigo publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, em 16 de Março de 1893 (p. 1).

(Broca). Assim, adoptado esse método, investigar-se-iam as origens do povo, tanto quanto possível, desde a época pré-histórica mais romota; então, e nos períodos históricos subsequentes indagavam-se as invasões que provocaram as misturas, determinando-lhes as percentagens; procuravam-se os vestígios das suas emigrações e das suas lutas; inquiria-se-lhe a arqueologia e a história, a religião e a língua, a tradição e a literatura; buscava-se-lhe a influência mesológica na geologia, na orografia, na paisagem, no clima, na flora e na fauna; estudava-se-lhe com desvelo a vida, na família, na moral, nos sentimentos, na educação intelectual e física, na alimentação, no vestuário e na habitação; observava-se a acção modificadora desse factos já adquiridos no indivíduo e no grupo, a par e passo que se fixavam os limites de variação provenientes de herança e de atavismo; e por último, não como acessório, mas como contribuição imprescindível, completavam-se as observações que precedem com as antropométricas e as de ordem fisiológica e patológica.

O que se não compreendeu ainda foi a oportunidade de instalar laboratórios e abrir cursos, regateando-se-lhes até, como defesa, serviços práticos e de aplicação reconhecida. É desnecessário, todavia, que a iniciação de novos trabalhos científicos se justifique pela soma de benefícios imediatos e de carácter egoisticamente utilitário; mas quando o não fosse essencialmente — e o estudo do homem, mais que nenhum outro, é em ciências naturais, o fundamental — a antropologia deu já lugar a reconhecerem-se-lhe indiscutíveis vantagens, quando aos seus resultados se recorreu para a organização científica das colonizações e do recrutamento dos exércitos.

De facto, para que, sob o ponto de vista antropológico, o futuro progressivo dum país não esteja à mercê de desventuras, sobretudo na sua validade e na sua fecundidade (Lagneau), o recrutamento deve ser feito tendo em conta e simultâneamente a prosperidade nacional e a aptidão militar. Esta última está dependente da idade, da conformação e da estatura. Na primeira há a buscar o período da vida em que o homem é já corporalmente forte para exercer sem perigos o mister; e como esse período, tal qual a idade púbere, provém de condições da vida — fácil ou dificultosa — e ainda mais da origem étnica, à antropologia cabe designar-lho, consoante as populações que habitam os lugares tomados etnologicamente como unidades territoriais. A ideia duma boa conformação exclui doenças ou predisposições mórbidas que tanto derivam da acção mesológica como da hereditariedade étnica; requer, ao contrário, um peso, uma força de tracção horizontal e um

perímetro torácico certos, cuja valorização genérica é dada igualmente pela etnologia. A estatura, por último, varia menos por condições de miséria ou de fortuna do que pela etnogenia; é, antes de tudo, a expressão de raça (Boudin). Para que esta selecção obedeça, pois, a um critério científico e positivo, há a conhecer, embora de leve, o quadro geral de informações que o prévio inquérito antropológico revelou, completando-o, na ocasião oportuna, com os exames individuais. Então já os precedentes étnicos e concorrentes com a ascendência e a origem geográfica ajudam a decidir, dum modo seguro, a aptidão real ou aparente dos indigitados.

Mas, se estes são os preceitos a que um bom recenseamento militar tem de subordinar-se, forçoso é, por outro lado, atender a que os desastres são quase irremediáveis quando o tempo de fileira é bastante extenso para desabituar o soldado da anterior ocupação profissional, e, em virtude da exiguidade de recursos, manter-se prudentemente celibatário. Escolhido vigoroso e forte, subtrai-se assim à terra o elemento mais capaz de trabalho, restituindo-lho alguns anos depois com vícios novos e a necessidade de lucros fáceis. A certeza evidente destes factos, de há muito adquiridos, toca de perto a prosperidade das nações, e tanto mesmo que, às instituições de toda a ordem, se não juntado as antropológicas, naturalmente chamadas a intervir dentro dos limites do seu objectivo.

Para as nações coloniais, o conhecimento da vida moral e social do indígena, e bem assim o das populações da metrópole donde convirá recrutar elementos civilizadores, é ponto capital para o bom êxito da colonização. Antes mesmo da Antropologia constituir ciência definida, todos sabiam que a colonizar regiões geográficas e etnologicamente diversas deveriam ser chamados homens geográfica e etnologicamente distintos. Sendo, pois, de fácil alcance a averiguação precisa das questões fundamentais que interessam à prosperidade nacional quanto à adaptação do europeu e ao aproveitamento máximo do elemento indígena, não o realizar previamente é, ou desconhecer a significação do estudo positivo das raças, ou negar-lha.

A ligeira documentação da importância prática desta ciência, não referindo já o extraordinário impulso que os seus métodos trouxeram em favor da criminologia, prova, ao menos, que a Antropologia, apesar duma existência curta, delibera já, lá fora, em matérias cuja complexidade contrasta com a simplicidade das linhas aqui exaradas.

ROCHA PEIXOTO

Quando, porém, isto não fosse verdade, nem por isso se legitimava a opinião dos que exigem utilidades imediatas da ciência das raças; «a verdadeira ciência, a que no futuro conduz às mais brilhantes aplicações, é essencialmente desinteressada» (Topinard).

Ora as afirmativas por aí esparsas acerca do povo português não se filiam num quadro de investigações directas, ordenadas e de consequência assente, antes obedecem a um critério, por assim dizer, intuitivo, servido por uma observação que é pouco decisiva quando se pretende demarcar o carácter permanente do transitório, tudo o que pode modificar um povo e o grau da adaptação correlativa. Nas suas linhas gerais é, por exemplo, ponto averiguado que à rotina obtusa do minhoto se contrapõem subidas qualidades de sentimento e de espírito do algarvio; condições de meio e condições de existência, grau de capacidade e grau de cultura, determinam, dum modo genérico, a feição dessas populações, surpreendida apenas nos aspectos exteriores, levemente e com pressa; mas, se tanto bastam para fazer o necrológico dum povo, não nos denuncia com precisão científica o carácter dominante, original, todo seu, iniludível e irrefragável: *é isto!*

Competia, parece, não só prosseguir os ensaios de Antropologia pré-histórica, já iniciados, mas ainda encetá-los no vivo, aproveitando materiais avulsos, abrindo cursos, criando laboratórios. Certo que tal propósito requer um número avultado de trabalhadores, fazendo obra em campos diversos e sem afins aparentes; mas só assim era lícito traçar dum modo quase indiscutível a fisionomia também quase inédita dum povo, afirmando então de alto quando perguntados: *ora aqui está o português!*

Estão os senhores vendo que esse capital documento é indispensável para o *compte-rendu* do fim da pátria: que se legue sequer, ao diabo ou ao estrangeiro, a anatomia da carcaça!